

ANÁLISE TRIMESTRAL DE CONJUNTURA À INDÚSTRIA DE CALÇADO : 2º TRIMESTRE 2025

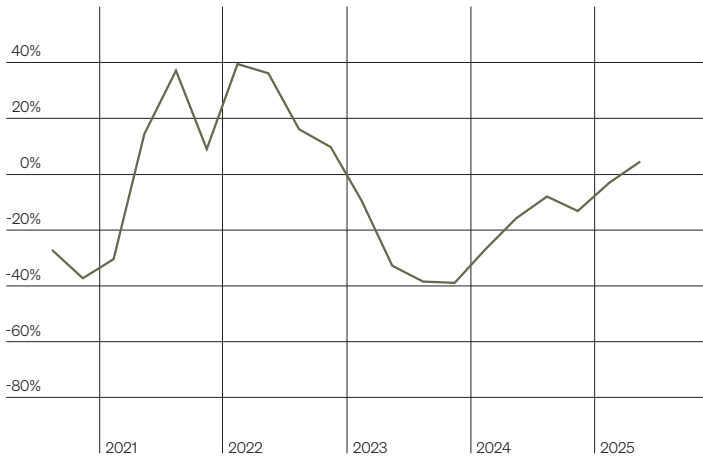
PORTU
GUESE
SHOES

APICCAPS

O 2º trimestre de 2025 marca uma inflexão na conjuntura da indústria portuguesa de calçado: pela primeira vez em dois anos e meio, houve mais empresas a aumentar do que a reduzir produção, com melhor desempenho entre as mais exportadoras. No entanto, a utilização da capacidade produtiva e a evolução da carteira de encomendas continuam aquém das expectativas. A situação das empresas está a polarizar-se, com aumentos simultâneos no número das que dizem ter mais de três meses de trabalho assegurado e no das que têm menos de um mês.

Dois terços das empresas consideram que o estado dos negócios é suficiente, mas as opiniões negativas ainda são mais numerosas do que as positivas. Apesar de a insuficiência de encomendas internacionais continuar a ser a principal preocupação do setor, o abastecimento de matérias-primas e a escassez de mão-de-obra qualificada são também preocupações relevantes para muitas empresas.

A economia dos principais mercados do setor está em abrandamento. No entanto, para o 3º trimestre, as empresas esperam nova evolução positiva da produção e uma redução das dificuldades enfrentadas.



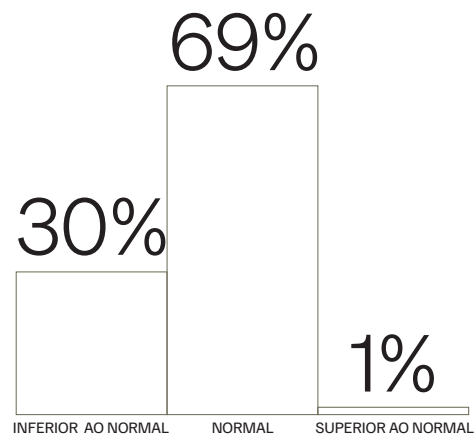
EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR

PRODUÇÃO

A produção da indústria portuguesa de calçado registou uma melhoria significativa no segundo trimestre de 2025. Pela primeira vez em dois anos e meio o número de empresas que declararam ter aumentado a sua produção superou o das que dizem o inverso, o que originou um saldo de respostas extremas (s.r.e.) positivo de 4 pontos percentuais (p.p.). No entanto, mais de metade das empresas (54 %) declararam que a sua produção se manteve estável. A evolução da produção foi mais favorável entre as empresas mais orientadas para os mercados externos.

UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE

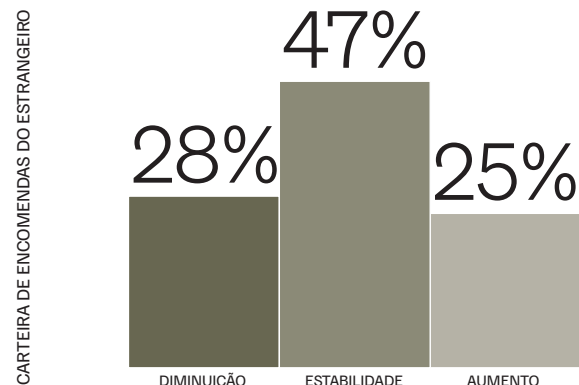
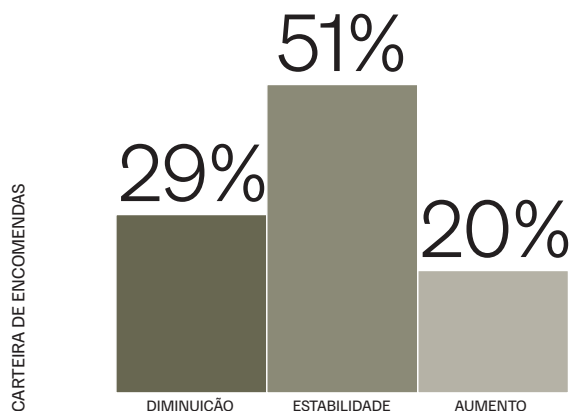
A grande maioria das inquiridas continuam a considerar que a utilização da sua capacidade produtiva é normal (69%) para a época do ano. No entanto, o saldo de respostas extremas permanece acentuadamente negativo, com as empresas que consideram que a utilização da capacidade está abaixo do normal a superarem em 29 p.p. as que pensam que é superior ao normal. Também nesta matéria as respostas são mais favoráveis entre as empresas mais orientadas para os mercados externos.



CARTEIRA DE ENCOMENDAS

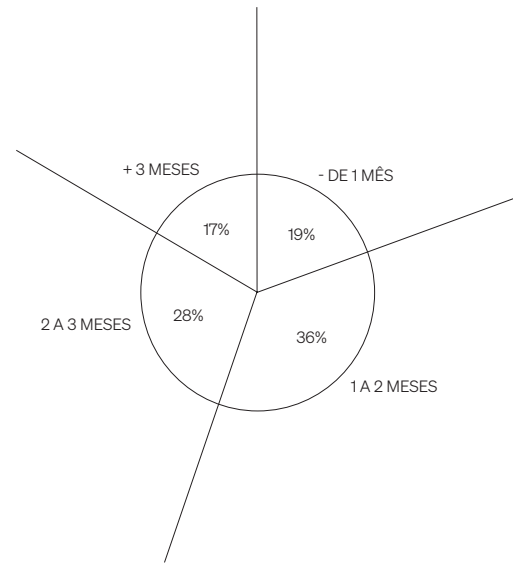
O saldo de respostas extremas sobre a evolução da carteira global de encomendas continuou a apresentar sinais de melhoria, embora ainda se mantenha em terreno negativo com um s.r.e. de -9 p.p. (menos dois pontos percentuais do que no trimestre passado). Também nesta matéria as respostas são tendencialmente mais favoráveis entre as empresas mais orientadas para os mercados externos, com o s.r.e. a ser até positivo entre as empresas totalmente exportadoras.

O cenário relativo à carteira de encomendas do estrangeiro melhorou significativamente face ao primeiro trimestre, com o saldo de respostas extremas a recuperar de -1,6 p.p. para -3 p.p.. A resposta mais frequente continua a ser a de estabilidade da carteira (47%). À semelhança do que acontece com a carteira global, apenas as empresas de menor e de maior dimensão apresentam saldos positivos.



HORIZONTE

As indicações relativas à produção assegurada pela carteira de encomendas mostram uma polarização da situação. Por um lado, aumentou a percentagem de empresas que dizem que têm mais de três meses (de 15% para 17%) ou dois a três meses (de 27% para 28%) de atividade garantida. Por outro lado, também aumentou a percentagem de empresas que dizem ter menos de um mês de trabalho em carteira (de 12% para 19%). Em contrapartida, diminuiu acentuadamente (de 47% para 36%) a percentagem de inquiridos que têm um a dois meses de produção assegurada.

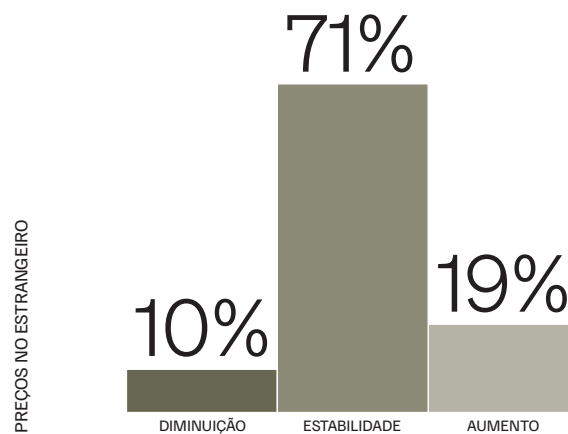
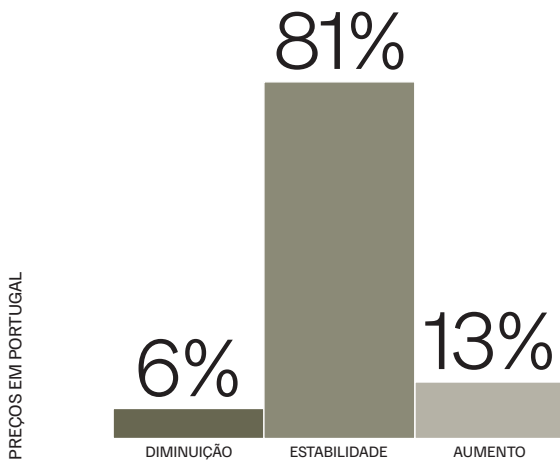


PRODUÇÃO ASSEGURADA PELA CARTEIRA DE ENCOMENDAS

PREÇOS

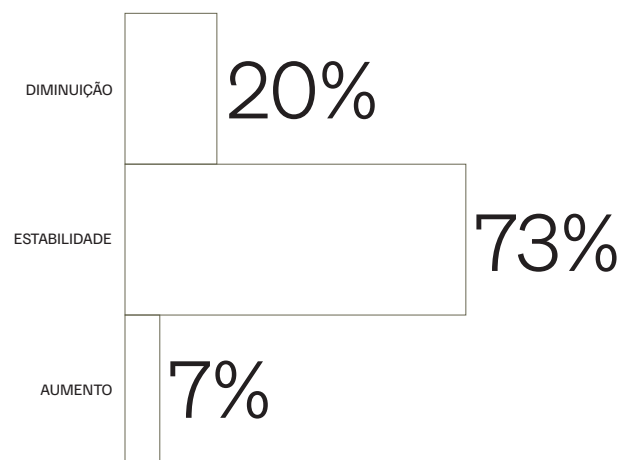
No que diz respeito aos preços, as empresas sinalizam uma subida mais evidente nos mercados internacionais do que no mercado nacional. Os saldos de respostas extremas são de 3 p.p. para Portugal

e 9 p.p. para o estrangeiro. Em ambos os casos, a larga maioria das empresas (81% e 71%, respetivamente) declara, no entanto, que os preços permaneceram estáveis.



PESSOAS AO SERVIÇO

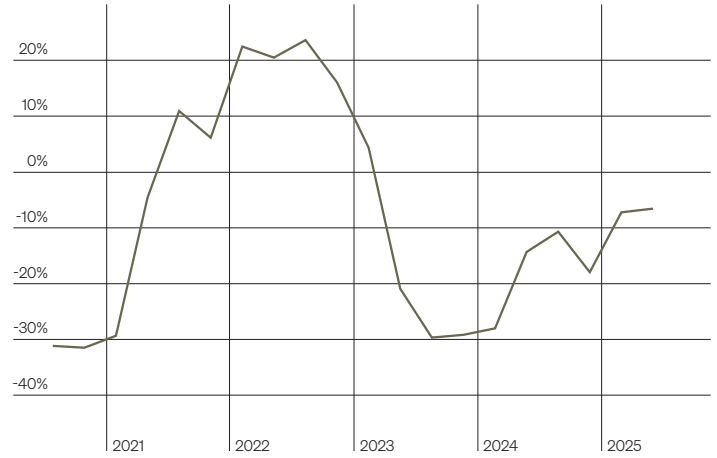
Apesar do contexto económico desfavorável, a larga maioria das empresas (73%) reportou estabilidade no número de trabalhadores e 7% indicaram mesmo um aumento do emprego. Ainda assim, a tendência geral continua a ser de retração, já que a proporção de empresas que reduziram os seus quadros continua a superar a das que registaram aumentos (s.r.e. -13 p.p.), o que representa um agravamento face ao trimestre anterior.



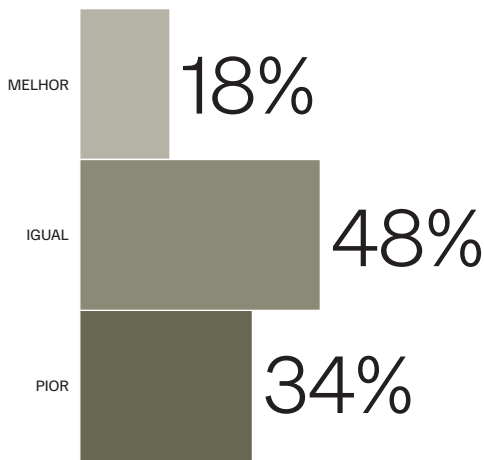
EMPREGO

ESTADO DOS NEGÓCIOS

Mais de dois terços das empresas (67%) considera a situação dos negócios como suficiente, o que sugere um ambiente de alguma estabilidade, embora sem grande dinamismo. No entanto, as empresas que consideram que a situação é má prevalecem em relação às que indicam o contrário (s.r.e. de -5 p.p.), sendo este já o nono trimestre consecutivo em que assim acontece.



EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR



ESTADO DOS NEGÓCIOS VS PERÍODO HOMÓLOGO

Cerca de metade das empresas considera que o estado dos negócios não se alterou em relação ao período homólogo do ano anterior. Apesar da conjuntura adversa, 18% das empresas consideram que o estado dos negócios melhorou. No entanto, mais de um terço das inquiridas pensa o contrário, gerando um s.r.e. de -16 p.p., o mais negativo do último ano.

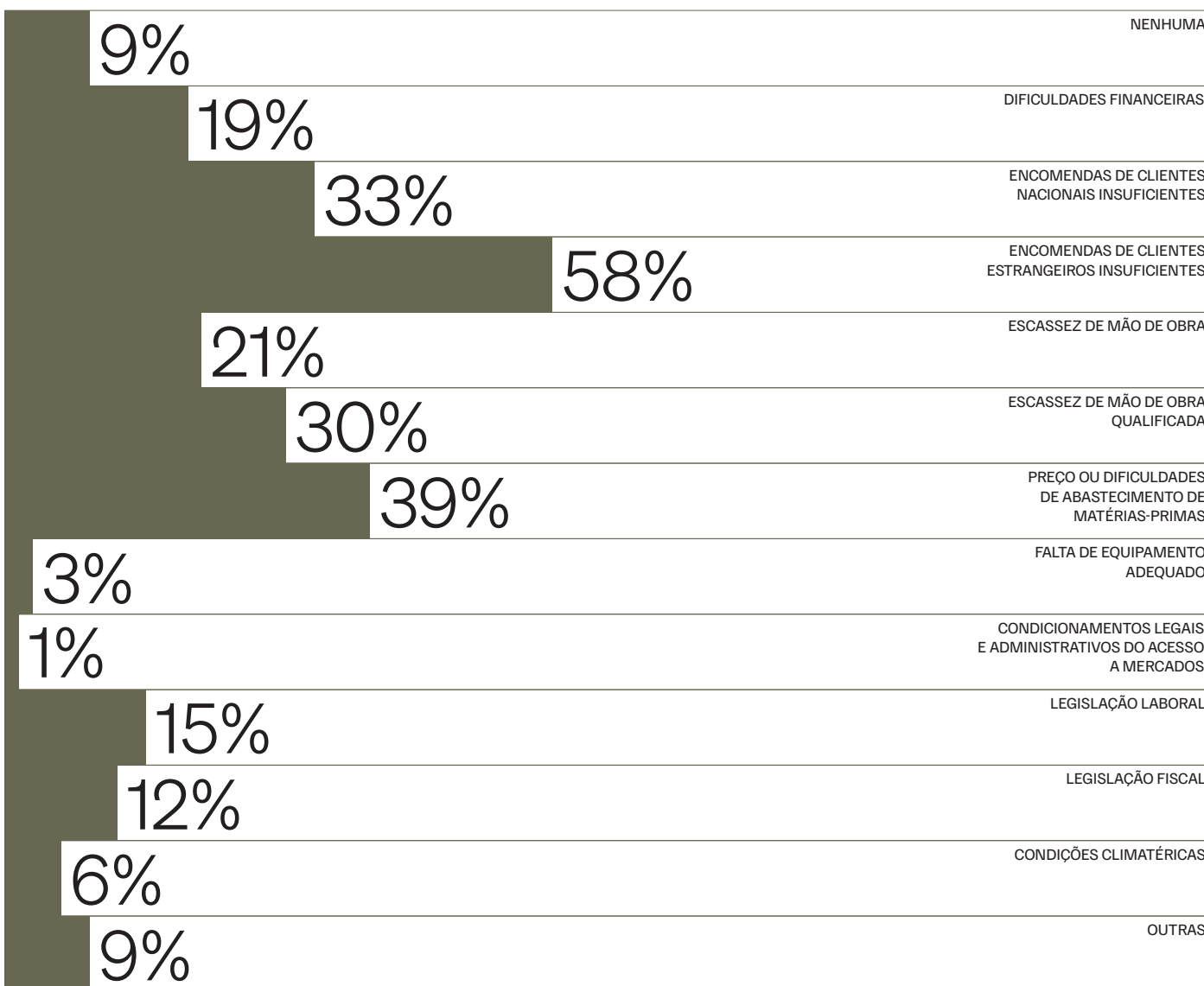
A análise por dimensão mostra que as empresas com mais de 100 trabalhadores têm uma perceção do estado dos negócios bastante mais favorável do que as de menor dimensão. As pequenas empresas são as que mais frequentemente referem dificuldades (s.r.e. -19 p.p.). Por sua vez, as empresas que se dedicam totalmente à exportação estão bastante mais otimistas do que as restantes.

ORIENTAÇÃO NACIONAL	23%	73%		4%
	PIOR	IGUAL		MELHOR
MODERADAMENTE EXPORTADORAS	17%	79%		4%
	PIOR	IGUAL		MELHOR
FORTEMENTE EXPORTADORAS	16%	53%	31%	
	PIOR	IGUAL		MELHOR
TOTALMENTE EXPORTADORAS	50%		50%	
	PIOR			MELHOR

LIMITAÇÕES À PRODUÇÃO E VENDAS

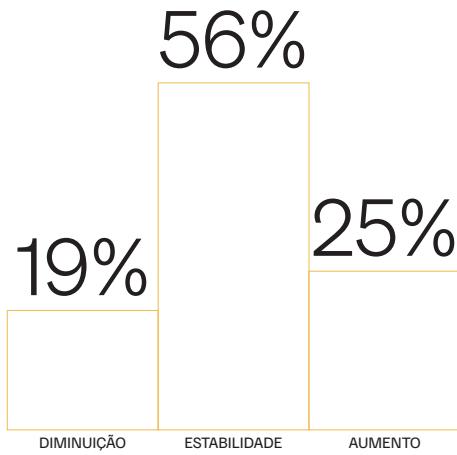
Como habitualmente, a principal preocupação das empresas continua a ser a insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros (58%), embora se mantenha a tendência de diminuição das referências a esta dificuldade observada desde o final de 2023. As empresas de dimensão média, com 50 a 100 trabalhadores, mostram-se especialmente preocupadas com esta questão. As dificuldades relacionadas com o preço e abastecimento das matérias-primas mantêm-se na segunda posição, entre as mais mencionadas, sendo referidas por 39% das empresas. A insuficiência de encomendas de clientes nacionais, referida por 33% dos inquiridos, permanece na terceira posição, pelo segundo trimestre consecutivo, em vez da habitual segunda. Naturalmente, é uma preocupação que afeta sobretudo as empresas que menos exportam. Apesar de um período prolongado de reduzido dinamismo da procura e de uma tendência de estabilidade ou redução do emprego no

setor, quase uma em cada três empresas (30%) afirma debater-se com escassez de mão-de-obra qualificada e mais de uma em cada cinco (21%) tem até dificuldades em encontrar mão-de-obra, independentemente das qualificações. Estas preocupações são mais frequentes nas empresas de maior dimensão e nas que se dedicam exclusivamente à exportação. Verificou-se uma diminuição generalizada nas referências a dificuldades decorrentes da ação do Estado, português ou estrangeiro: as referências à legislação fiscal passaram de 20% para 12%, as relativas à legislação laboral de 16% para 15% e as relativas a condicionamentos no acesso a mercados de 9% para 1%. Embora se registre um crescimento na proporção de empresas (20%) que indicam enfrentar dificuldades financeiras, também cresceu a proporção das que indicam não enfrentar atualmente qualquer dificuldade (9%).



DIFICULDADES NO TRIMESTRE

PREVISÃO DE EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO



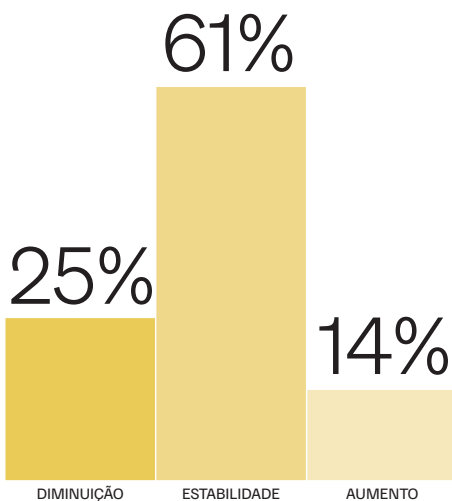
TENDÊNCIA DA PRODUÇÃO

As perspetivas para o terceiro trimestre são favoráveis com um quarto das empresas a prever um aumento de produção e 56% a acreditar que a sua produção se manterá estável. O saldo de respostas extremas volta assim a terreno positivo (s.r.e. 6 p.p.), depois de um ano inteiro em que se manteve negativo. Os saldos de respostas extremas estão positivamente relacionados com a dimensão das empresas e com a sua vocação exportadora.

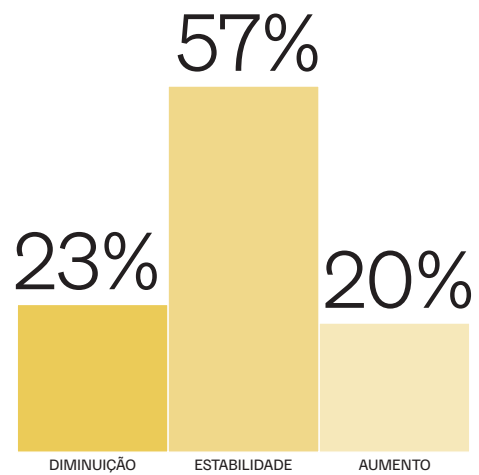
PERSPETIVAS DE ENCOMENDAS

As previsões para a carteira global de encomendas são um pouco menos favoráveis do que as formuladas para a produção. Embora as indicações de estabilidade sejam muito semelhantes e maioritárias (57%), as empresas que perspetivam uma diminuição são ligeiramente mais do que as que acreditam num aumento (s.r.e. -3 p.p.). Quanto à carteira de encomendas do estrangeiro, a perspetiva de estabilidade é mais elevada (61%), mas o saldo de respostas extremas é consideravelmente mais desfavorável (-11 p.p.).

PREVISÃO DA CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



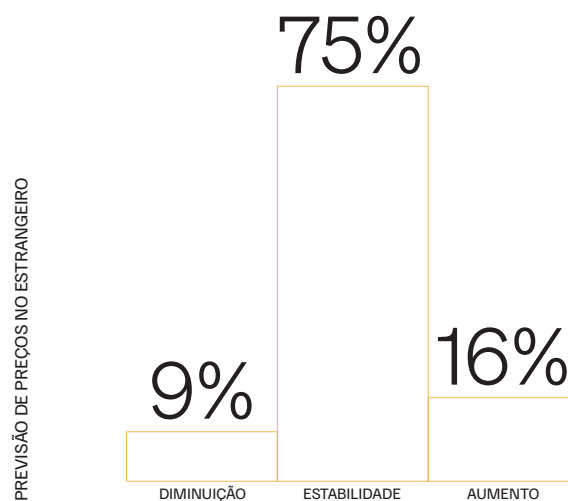
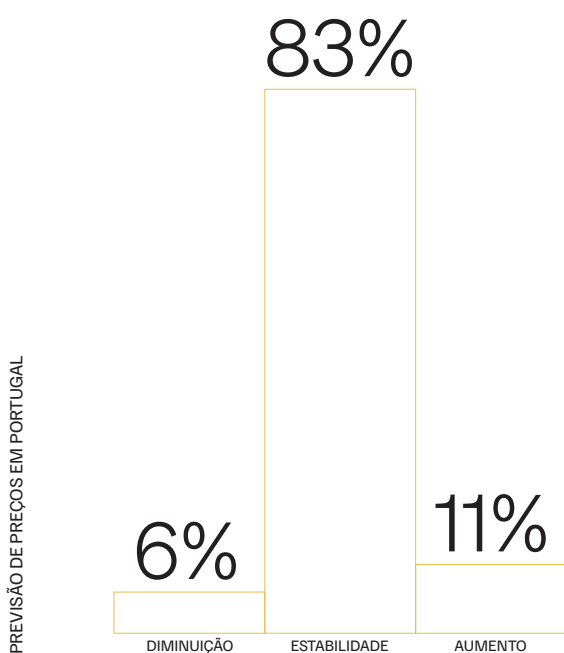
PREVISÃO DA CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PERSPETIVAS DE PREÇOS DE VENDA

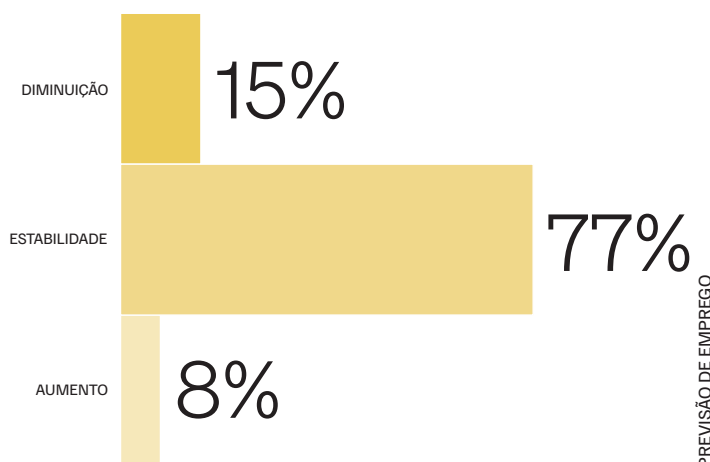
As previsões apontam para um cenário de forte estabilidade nos preços tanto em Portugal, como no estrangeiro com a larga maioria das empresas a antecipar a manutenção dos valores atuais (83% e

75%, respetivamente). No entanto, em ambos os casos, as previsões de aumento são mais frequentes do que as de diminuição, resultando em s.r.e. de +5 p.p. e +7 p.p., respetivamente.



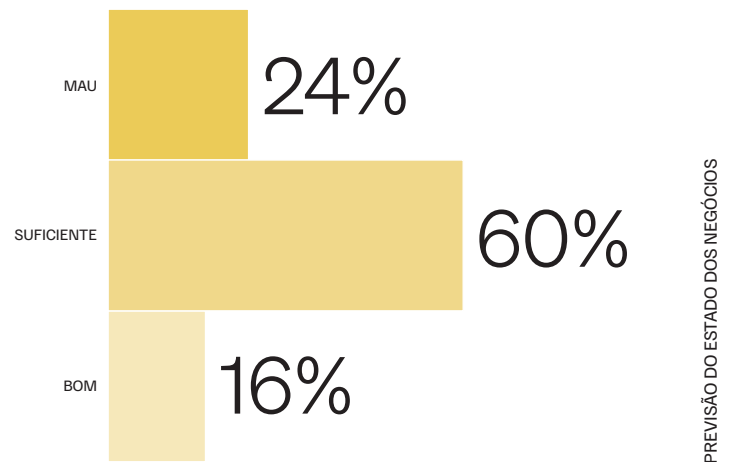
PERSPETIVAS SOBRE O EMPREGO

As perspetivas para a evolução do emprego mantêm-se praticamente inalteradas face ao trimestre anterior. Uma larga maioria dos inquiridos (77%) espera manter o número de pessoas ao seu serviço e o saldo entre os que acreditam que o irão reforçar ou diminuir é de -7 p.p., sendo mais acentuadamente negativo entre as empresas com menos de 100 trabalhadores. As empresas que se dedicam apenas à exportação distinguem-se por apresentar, nesta matéria, um s.r.e. ligeiramente positivo.



PERSPETIVAS SOBRE O ESTADO DOS NEGÓCIOS

As previsões para o estado de negócios no 3º trimestre não são muito diferentes da avaliação que as empresas fazem da situação no 2º trimestre. A maioria das empresas (60%) prevê que o estado dos negócios será suficiente. O número de empresas que preveem um estado dos negócios negativo é superior ao das que julgam o contrário, gerando um saldo de respostas extremas de -8 p.p. A perspetiva melhora ligeiramente quando se pede uma comparação com o terceiro trimestre do ano passado, caso em que o s.r.e. é de -3 p.p.



A apreciação do estado dos negócios face ao mesmo período do ano anterior é claramente pior nas empresas orientadas para o mercado nacional (s.r.e. -25 p.p.), apesar de 63% considerarem que a situação não se alterou. As empresas fortemente e totalmente exportadoras registam saldos de respostas extremas positivos de +5 p.p. e +17 p.p., respetivamente. Em termos de dimensão, a apreciação das empresas com mais de 100 trabalhadores é mais favorável do que a das de menor dimensão.

PEQUENAS EMPRESAS	31%	63%	6%
	MAU	SUFICIENTE	BOM
MÉDIAS EMPRESAS	50%	38%	12%
	MAU	SUFICIENTE	BOM
GRANDES EMPRESAS	20%	55%	25%
	MAU	SUFICIENTE	BOM
MUITO GRANDES EMPRESAS	13%	57%	30%
	MAU	SUFICIENTE	BOM

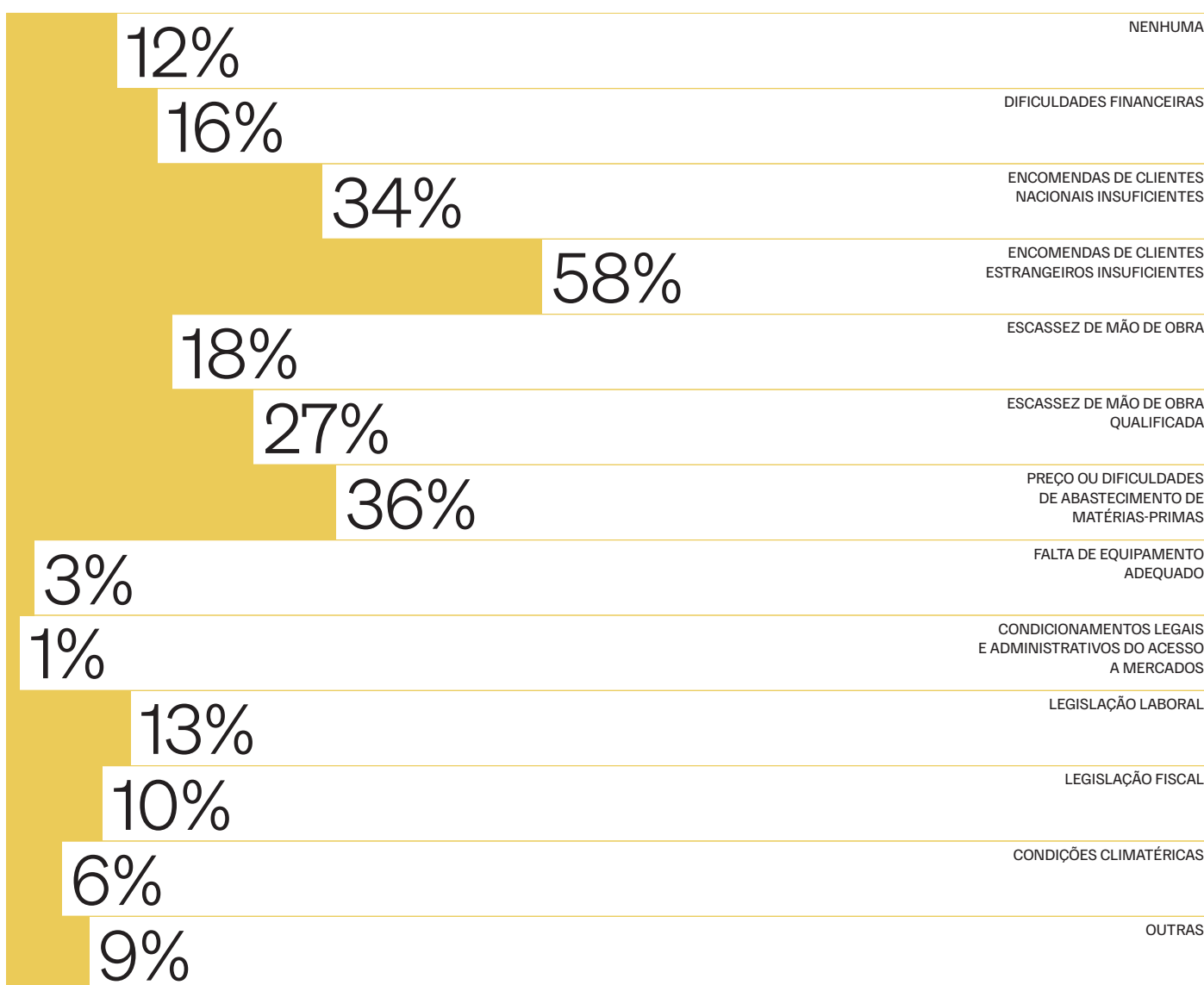
LIMITAÇÕES PREVISITAS

Como habitualmente, as dificuldades previstas para o terceiro trimestre não se desviam acentuadamente das que as empresas sentiram no segundo, embora pareçam traduzir uma expectativa de ligeira melhoria na conjuntura.

A insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros é a dificuldade prevista por mais empresas, exatamente na mesma percentagem que no trimestre anterior (58%). Em contrapartida, há um ligeiro aumento nas referências a insuficiência de encomendas nacionais que passam de 33% para 34%. Este é o único caso de previsão de agravamento das dificuldades.

Por outro lado, as previsões de escassez de mão-de-obra qualificada diminuem face às referências que lhe foram feitas no trimestre (de 30% para 27%), o mesmo acontecendo à escassez de mão-de-obra, em geral (de 21% para 18%). As referências ao preço e dificuldades de abastecimento das matérias-primas caem de 39% para 36%, as que são feitas à legislação laboral de 15% para 13% e as relativas à legislação fiscal de 12% para 10%.

Esta perspetiva de melhoria da conjuntura, traduz-se ainda numa redução das referências a dificuldades financeiras, de 19% para 16%, e num aumento das empresas que esperam não enfrentar nenhuma dificuldade, de 9% para 12%.



DIFICULDADES PREVISITAS PARA O PRÓXIMO TRIMESTRE

NOTAS DE CONJUNTURA

A ligeira aceleração da atividade que é patente no nosso inquérito às empresas portuguesas de calçado está em linha com os sinais revelados pelas estatísticas europeias. De acordo com o Eurostat, se corrigidos os efeitos da sazonalidade e de calendário, no segundo trimestre a produção da indústria de calçado da UE27 aumentou 0,2%. Entre os principais produtores europeus, houve evoluções divergentes em Itália (+2,4%) e Espanha (-1,2%).

O Eurostat indica que, no segundo trimestre, os preços do calçado do produtor terão aumentado 0,1% face ao trimestre e 1% face ao trimestre homólogo do ano anterior. A evolução dos preços foi mais favorável em Espanha, onde aumentaram 0,1% face ao trimestre anterior e 1,1% face ao trimestre homólogo, do que em Itália onde caíram 0,2% face ao trimestre anterior e só aumentaram 0,5% face ao trimestre homólogo. Em Portugal observou-se uma quebra de 0,2 em ambos os casos.

As estatísticas de comércio internacional disponíveis mostram que, no segundo trimestre, os principais mercados do calçado português aumentaram as suas importações face ao trimestre homólogo do ano anterior: em euros, as importações de calçado aumentaram 4,8% em Espanha, 5,5% na França e 19,5% na Alemanha; os EUA desviam-se desta tendência, com uma queda de 1,1%. Nos mercados europeus, Portugal aproveitou bem esta tendência, tendo ganho quota de mercado: no trimestre transato, as importações de calçado com origem no nosso país cresceram 11,1% em França, 20,7% em Espanha e 21,7% na Alemanha. Pelo contrário, nos EUA caíram 2,1%, um pouco mais do que a média do mercado.

O Conselho das Finanças Públicas publicou em setembro uma atualização das suas previsões para a economia portuguesa, revendo em baixa as previsões que tinha formulado em abril. O CFP prevê agora que o PIB português cresça 1,9% em 2025, em vez dos 2,2% que previa em abril e dos 2,4% que tinha indicado há um ano. Também a previsão para o crescimento em 2026 diminuiu, tendo passado de 2,0% para 1,8%. Para os anos seguintes, o CFP não espera que o crescimento do PIB se desvie significativamente deste valor. Quanto ao consumo privado, variável importante para as empresas que vendem para o mercado nacional, o CFP espera um crescimento de 3,3% este ano e de 2,3% no próximo.

Também em setembro, a OCDE publicou uma edição intercalar das suas perspetivas económicas. De acordo com as últimas previsões desta organização, o crescimento do PIB mundial deverá abrandar de 3,3% em 2024 para 3,2% este ano e 2,9% no próximo. De acordo com a OCDE:

“O crescimento mundial foi mais resiliente do que o previsto no primeiro semestre de 2025, especialmente em muitas economias de mercado emergentes. A produção industrial e o comércio foram apoiados pela antecipação de tarifas mais elevadas. O forte investimento relacionado com a IA impulsionou os resultados nos Estados Unidos e o apoio fiscal na China superou os ventos contrários do comércio internacional e da fraqueza do mercado imobiliário.

As tarifas bilaterais dos EUA aumentaram para quase todos os países desde maio. A taxa tarifária efetiva global dos EUA subiu para cerca de 19,5% no final de agosto, a mais elevada desde 1933. Os efeitos plenos dos aumentos tarifários ainda não se fizeram sentir – com muitas alterações a serem graduais e as empresas a absorverem inicialmente alguns aumentos tarifários através de margens – mas estão a tornar-se cada vez mais visíveis nas decisões de consumo, nos mercados de trabalho e nos preços no consumidor. Sinais de abrandamento estão a aparecer nos mercados de trabalho, com taxas de desemprego crescentes e redução dos novos empregos em proporção do desemprego em algumas economias, incluindo os Estados Unidos.

...

Projeta-se que o crescimento do PIB mundial diminua de 3,3% em 2024, para 3,2% em 2025 e 2,9% em 2026, à medida que cessa a antecipação do aumento das tarifas e as taxas tarifárias mais elevadas e a incerteza política ainda elevada diminuem o investimento e o comércio.

...

Subsistem riscos significativos para as perspetivas económicas. Novos aumentos das taxas pautais bilaterais, um ressurgimento das pressões inflacionistas, uma maior preocupação com os riscos orçamentais ou uma reavaliação substancial dos riscos nos mercados financeiros poderão reduzir o crescimento económico em relação ao nível de referência. As valorizações elevadas e voláteis dos criptoativos também aumentam os riscos para a estabilidade financeira, dada a crescente interligação com o sistema financeiro tradicional. Do lado positivo, reduções nas restrições comerciais ou desenvolvimento e adoção mais rápidos de tecnologias de inteligência artificial podem fortalecer as perspetivas de crescimento.”

OECD, OECD Economic Outlook, Interim Report, setembro 2025

APICCAPS

Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucedâneos



Cofinanciado pela
União Europeia